

A primeira coletânea da obra de Nietzsche traduzida no Brasil, por Sérgio Milliet

Geraldo Dias (Prof. Dr. do IFPB)

RESUMO: Renovado interesse pela filosofia de Nietzsche ganha impulso no Brasil dos anos de 1940, momento histórico em que começa a surgir as primeiras coletâneas de suas obras no país. São coletâneas que procuram responder demandas surgidas no horizonte estético, teórico e político dos projetos modernistas, da esquerda e da direita. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho consiste em responder a seguinte pergunta: qual foi a primeira coletânea da obra de Nietzsche traduzida e publicada no Brasil? Em resposta, defendemos que *O pensamento vivo de Nietzsche* é a primeira coletânea brasileira da obra de Nietzsche, apresentada por Heinrich Mann e traduzida por Sérgio Milliet, publicada em 1940 pela Livraria Martins Editora, de São Paulo. A partir dessa resposta, teremos a oportunidade de verificar que a coletânea *O pensamento vivo de Nietzsche* apresentou para o Brasil uma tradução complexa e envolvente que desafiava a compreensão filosófica do legado de Nietzsche no contexto brasileiro da década de 1940.

PALAVRAS-CHAVE: Nietzsche. Sérgio Milliet. Coletânea brasileira.

1 SÉRGIO MILLIET, HOMEM-PONTE NIETZSCHIANO DO MODERNISMO

A mais relevante coletânea brasileira da obra de Nietzsche é a da Coleção Os Pensadores, intitulada *Obras incompletas*, de 1974, com seleção de textos de Gérard Lebrun, tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho e posfácio de Antonio Candido. Além desta, há outras duas: *O pensamento vivo de Nietzsche*, com seleção de textos e apresentação de Heinrich Mann, tradução e notas de Sérgio Milliet, publicada em 1940 pela Livraria Martins Editora, de São Paulo; e a *Nietzschiana: textos escolhidos na obra do autor de Zaratustra*, com seleção de textos e tradução de Alberto Ramos, prefácio de Agripino Grieco, publicada em 1949, pela editora José Olympio, do Rio de Janeiro. Vejamos agora por qual motivo defendemos que *O pensamento vivo de Nietzsche* é a primeira coletânea da obra de Nietzsche traduzida e publicada no Brasil.

Embora Nietzsche já repercuta no Brasil entre o final do século XIX e início do XX, período em que predomina um contato lento, rarefeito e dependente das traduções estrangeiras, foi entre os anos de 1922 e 1945 que sua recepção ganhou envergadura, como atesta a presença de seu vocabulário como parte do léxico da nossa língua. De 1876 a 1922, os vocábulos nietzschianos diversificam-se nos seus sentidos ortográficos e semânticos, com disputas internas pelos diferentes léxicos. A partir dos anos de 1922 até 1945, a dependência das traduções estrangeiras é atenuada e se fortalecem os esforços de tradução do vocabulário nietzschiano e seu aproveitamento estético e teórico pelos projetos do Modernismo, que consolidam um léxico conceitual mais uniformizado.

Caso exemplar disso ocorre com termos tais como, à maneira como eram empregados à época: “dionysíaco”, “apollíneo”, “a Volta Eterna de todas as cousas”, a “transmutação dos valores”, o “Superhomem/Sobrehumano”, o “nihilismo”, a “vontade de poder/poderio/domínio”. São termos empregados por autores diversos, em distintas áreas, mas sobretudo na literatura, na sociologia e na filosofia realizada no período.

Parte significativa dos autores do movimento modernista, uns mais, outros menos, encontravam na terminologia nietzschiana o que precisavam para expressar muitas das suas impressões e posições políticas, para balizar seus estudos estéticos, etnográficos, literários e histórico-sociais. Nietzsche logo se converteu em fonte de reflexão de muitos autores e artistas, intelectuais dos mais variados e pertencentes a diferentes ambientes culturais, como as artes plásticas e a literatura. Entrementes, são diversas as implicações filosóficas das traduções de termos nietzschianos para a língua brasileira. Entre os intelectuais que participaram desse processo de consolidação de um vocabulário brasileiro da filosofia nietzschiana encontra-se Sérgio Milliet.

Sérgio Milliet (1898-1966) foi um renomado crítico de arte, escritor e ensaísta, também conhecido por seu envolvimento com o Modernismo, desde a Semana de Arte Moderna. Nascido em São Paulo, foi uma figura influente no cenário cultural e artístico do Brasil do século XX. Em uma entrevista concedida a Mário Neme no ano de 1944, Antonio Cândido caracterizou Sérgio Milliet como um “homem-ponte”¹, visto ter realizado uma ligação entre a geração de 22 e a de 42, também por ter possibilitado maior aproximação entre a cultura brasileira e a estrangeira. Enquanto “homem-ponte”, Milliet fez uma recepção de Nietzsche em consonância com o Modernismo. Isto é, situa Nietzsche como “um poeta. Um grande poeta desvairado, que deve ser ouvido como poeta, como “artista do verbo” e não como pensador sistemático e frio, como cientista objetivo”². Seguia de perto o que já se fazia em 1915, quando Oswald de Andrade procura resgatar e afastar Nietzsche do conservadorismo do grupo espiritualista, considerando-o antes “um tipo raro, caso de artista mais do que de pensador e caso de desvairado sobretudo”³. Outros modernistas também qualificam Nietzsche como poeta desvairado. O adjetivo desvairado ganhou acepção positiva no Modernismo, sobretudo a partir de 1922, quando Mário de Andrade publica o título *Pauliceia Desvairada*.

Como tradutor de Nietzsche, Sérgio Milliet trouxe à luz uma das suas contribuições notáveis para o Modernismo. A primeira obra de Milliet, *Par le sentier*, abre com uma epígrafe retirada de *Ainsi parlait Zarathoustra*, na tradução de Henri Albert, de 1898. A epígrafe diz: “J’aime les grands contempteurs parce que ce sont aussi de grands adoreurs” [Amo os grandes desprezadores, porque são os grandes reverenciadores] (ZA I, Prólogo, § 4, trad. de TRTF). Ela indica que Milliet participou da recepção nietzschiana em língua francesa. Desde

1 CANDIDO, Antonio. *Depoimento*. In: NEME, Mario (org.). *Plataforma de uma geração*. Porto Alegre: Ed. Do Globo, 1945, p. 36.

2 MILLIET, Sérgio. “Frederico Nietzsche”. *O Estado de S. Paulo*, ano 70, n. 23.030, 14/10/1944, p. 04.

3 ANDRADE, O. “A Propósito do “Amor Imortal. Carta Aberta a José Antonio Nogueira”, *O Pirralho*, n. 191, 1915, p. 08.

seu retorno definitivo para o Brasil, seu contato com a filosofia de Nietzsche continua e se aprofunda, inclusive no âmbito da crítica filosófica, na qual se atrevia a transitar, como crítico e como tradutor.

Nietzsche consta nos escritos de Milliet explicitamente, não somente nas páginas dedicadas ao exercício da crítica literária, em títulos como *Terminus sêco e outros cocktails*, de 1932, mas também nos livros sobre artes plásticas, como *Pintura quase sempre*, de 1944. No primeiro, menciona duas vezes o “maravilhoso super-homem que Nietzsche imaginou”⁴, no segundo, novamente cita o “super-homem” e menciona o nome de Nietzsche⁵. Em *De ontem, de hoje, de sempre*, o autor critica quem é “discípulo degenerado de Nietzsche”⁶. Nos volumes que compõem seu *Diário crítico*, diversas são as páginas em que Nietzsche está presente. Cumpre ainda analisar o aproveitamento do pensamento nietzschiano realizado nesses escritos, o que não faremos aqui por ser outro o nosso foco. De antemão, ver-se que essa recepção de Nietzsche realizada por Sérgio Milliet aprofundou a sua qualidade de “homem-ponte”.

2 SÉRGIO MILLIET, TRADUTOR DA PRIMEIRA COLETÂNEA BRASILEIRA DE NIETZSCHE

Com as traduções de suas obras editadas de maneira avulsa ou na forma de coletâneas incompletas, renovado interesse pela filosofia de Nietzsche ganha impulso no Brasil dos anos de 1940 adiante. Em geral, essas traduções respondem a demandas surgidas no horizonte estético e teórico-político dos projetos modernistas, da esquerda e da direita. Traduzidas por intelectuais brasileiros a serviço de editoras nacionais, entre os tradutores Sérgio Milliet se destaca, sendo precisamente ele o tradutor da primeira coletânea brasileira de Nietzsche. Vejamos como isso aconteceu.

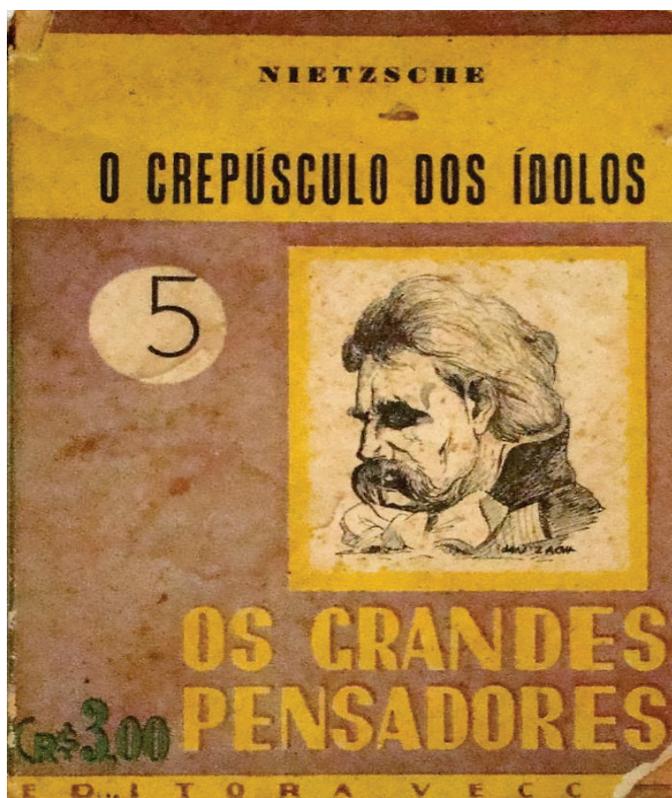
Desde o final do séc. XIX e início do XX, circula no Brasil obras de Nietzsche traduzidas para o francês, o espanhol e o português de Portugal. Em 1913 aparece *Como Falava Zaratustra*, na tradução portuguesa de Araújo Pereira. A partir de 1932, uma versão revisada dessa tradução, *Assim falava Zaratustra*, começou a ser impressa por uma editora brasileira, a Editorial Moderna Paulistana. Em 1942, a editora Edições e publicações Brasil colocou novamente em circulação *Assim falava Zaratustra*, então revisada e atualizada por José Mendes de Souza. Já a primeira edição de uma obra de Nietzsche traduzida por um intelectual brasileiro data de 1936. Lourival de Queiroz Henkel traduziu para a Publicações Brasil *Ecce Homo: como cheguei a ser o que sou*. Essa tradução substitui a edição francesa de Henri Albert. Teve segunda edição em 1944. Pela mesma editora, em 1939 Heraldo Barbuy traduziu *O viandante e a sua sombra*. Sua tradução fomenta e prolonga o Modernismo conservador do grupo espiritualista.

4 MILIETT, Sérgio. *Terminus sêco e outros cocktails*. São Paulo. Edição Irmãos Ferraz, 1932, p. 257-332.

5 MILIETT, Sérgio. *Pintura quase sempre*. Rio de Janeiro (?). Livraria do globo, 1944, p. 63-89.

6 MILIETT, Sérgio. *De ontem, de hoje, de sempre*. Vol. 1. São Paulo. Editora Martins, 1960, p. 202.

Em 1943, a editora Vecchi publicou *O crepúsculo dos ídolos*, em edição que desconfigura a obra. Os recursos linguísticos desaparecem; somem as aspas, também desaparecem os travessões e itálicos; frases citadas em francês são traduzidas sem aviso.

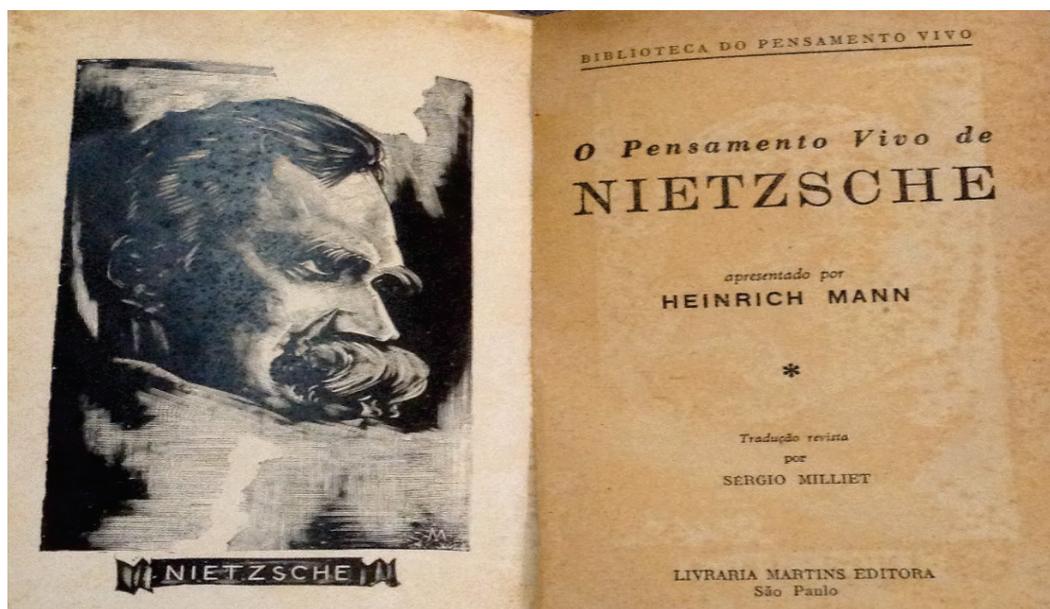


Em 1945, Mário Ferreira dos Santos traduz e prefacia o título *Vontade de potência. Ensaio de uma transmutação de todos os valores. Estudos e fragmentos*, publicado pela editora Globo, de Porto Alegre. Indevidamente atribuído a Nietzsche, Mário Ferreira traduz a primeira versão do livro, com a organização e o prefácio da irmã do filósofo. A tradução do livro para a língua brasileira instigou o debate entre os que associam o pensamento de Nietzsche com nazifascismo e os que procuram desfazer tal associação.

As primeiras edições de livros e de coletâneas incompletas de obras de Nietzsche criaram uma bibliografia que encontrava suas motivações político-ideológicas, seus pressupostos interpretativos e critérios linguísticos para as traduções no léxico criado pelo Modernismo e em necessidades históricas do momento. As traduções, sejam de obras específicas ou compostas por coletâneas com fragmentos de textos, estão sempre marcadas pela demanda editorial determinada pelo debate em torno da aproximação e afastamento da filosofia de Nietzsche das ideologias autoritárias, então dominantes.

O modernista Sérgio Milliet se mostra um caso exemplar desse processo de tradução, ativo que foi no debate e o tradutor de uma seleção de textos de Nietzsche que compõe a primeira coletânea brasileira de suas obras. Esta traz uma apresentação de Heinrich Mann. Ele apresenta Nietzsche como um pensador tomado de paixão pelo conhecimento e um grande

opositor das políticas de sua época⁷. *O pensamento vivo de Nietzsche* aparece integrada à coleção “Bibliografia do pensamento vivo”.



A primeira edição data de 1940 e teve, em março de 1944, segunda edição. Após a apresentação, seguem três capítulos organizados a partir de subdivisões temáticas. As temáticas são anunciadas na forma de títulos, acrescidos, às vezes, de subtítulos, que direcionam a seleção dos textos em torno de três assuntos centrais do pensamento de Nietzsche.

A coletânea não informa, tampouco justifica, a ordem de exposição dos trechos selecionados e organizados, provavelmente, por Heinrich Mann. Seja como for, é a primeira coletânea brasileira da obra de Nietzsche traduzida por intelectual brasileiro e publicada por editora nacional. Até então, não havia nada igual publicado. Para não sermos precipitado, cabe observar que a coletânea traduzida por Alberto Ramos, a *Nietzschiana*, não foi editada por ele mesmo, falecido em 1941, mas somente em 1949, por editores que a intitularam e promoveram sua publicação.

O “Capítulo I” de *O pensamento vivo de Nietzsche* é dedicado ao tema da “Ciência, Filosofia, Verdade”. Não é informado o número dos trechos selecionados e sua exposição não segue ordem cronológica. Sérgio Milliet foi cauteloso com a tradução de termos filosóficos de Nietzsche. Num trecho de “Crepúsculo dos Ídolos”, ele acrescenta uma nota explicativa, a propósito da dificuldade de verter o termo *Werden*. Milliet opta por “devenir”, e justifica: “Embora se possa traduzir por *vir a ser* ou *tornar-se*, nenhuma das expressões me parece bastante fiel ao espírito filosófico do vocábulo (N. do T.)”⁸. Tendo acompanhado a recepção de Nietzsche no Brasil desde o início do século XX, Milliet busca o espírito filosófico mais adequado para o seu vocabulário. Ao traduzir o parágrafo 211 de “Além do Bem e do Mal”, opta por verter a expressão *Wille zur Macht* por “vontade de domínio”, e não pela expressão

7 NIETZSCHE, Friedrich. *O pensamento vivo de Nietzsche*, 1940, p. 41.

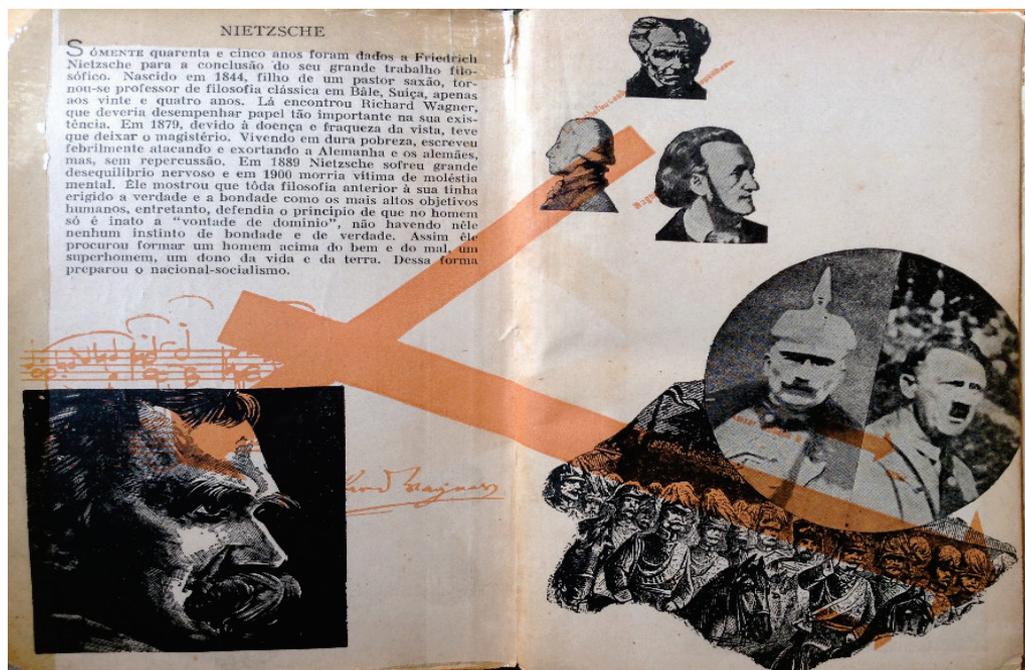
8 Cf. NIETZSCHE, Friedrich. *O pensamento vivo de Nietzsche*, p. 52, nota 1.

já empregada: “vontade de poder”, talvez para assim contornar a apropriação nazifascista. As variações na tradução da palavra *Macht*, vertida ora por *Poder*, ora por *Potência* e ora por *Domínio*, também apontam para a presença da multiplicidade de fontes estrangeiras das obras de Nietzsche durante o período modernista, bem como para as apropriações ideológicas do período.

O “Capítulo II” de *O pensamento vivo de Nietzsche* é dedicado ao tema geral da “Crítica da Cultura”. Organiza a exposição com inflexões anunciadas em subtítulos. No último subtítulo, lemos: “O Niilismo Europeu”, contendo traduções de fragmentos do livro “Vontade de domínio”.

O “Capítulo III” introduz temática ampla e aberta, com o título “O Mundo sem Deus”. A coletânea encerra com trechos de “Assim falou Zaratustra”, como o “Canto da Noite” e “Antes do Nascer do Sol”. Por fim, oferece um lugar à parte para essa obra e, em oposição ao momento histórico, não seleciona seus elementos mais polêmicos e discutidos naquele momento.

A seleção dos textos e a tradução que compõem *O pensamento vivo de Nietzsche* não fomentam a associação entre o pensador alemão e o nazismo, expressas nas contracapas. A primeira edição da coletânea exhibe contracapas internas que associam e comprometem Nietzsche com o nacional-socialismo. Apresenta uma imagem sua e outra de Hitler e, entre eles, uma de Bismarck. Essa associação era comum entre os modernistas conservadores e, mais em geral, pelo senso comum.



Mais alinhado com o Modernismo do projeto renovador, Sérgio Milliet consta entre os modernistas que defendem e procuram reabilitar Nietzsche e a sua obra. A coletânea *O pensamento vivo de Nietzsche* privilegia textos sobre ciência, verdade, niilismo e são traduzidos,

em alguns vocábulos, de forma a contornar ou a não fomentar uma apropriação indevida deles.

Isso está em acordo com o fato de o tradutor da coletânea afirmar que a Nietzsche ocorreu o que ele mais temia: “fossem as suas ideias griladas pela massa pequeno-burguesa de seu país”. O que teria ocorrido devido a equívocos suscitados por seu “estilo metafórico” e “aforismático”⁹. Assim, a recepção de Nietzsche na primeira metade do século XX teria sido marcada por equívocos e limitações na compreensão de suas ideias. Milliet está em acordo com Heinrich Mann, para quem a obra de Nietzsche era terrível e ameaçadora, prevendo que apenas na segunda metade do século XX seria compreendida. Milliet sugere que, até então, Nietzsche foi interpretado de maneira restrita, o que resultou em consequências políticas equivocadas e na sua apropriação pela massa pequeno-burguesa. Considera que Nietzsche era um grande poeta e retórico, com o poder de seduzir seus leitores e envolvê-los em uma vaguidade filosófica propícia a interpretações místicas. Milliet alerta que o próprio Nietzsche temia essa confusão e o uso equivocado de suas ideias, lembrando que o conceito do “super-homem”, por exemplo, foi distorcido e compreendido como a realização do herói nórdico e utilizado como uma solução científica e moral. É que essas interpretações não compreenderam a simbologia nietzschiana e seu combate à moral estabelecida pela burguesia cristã decadente. Para Milliet, Nietzsche era, antes de tudo, um poeta desvairado e sua glória foi obscurecida pela interpretação interessada ou pela negação cega. Por isso, destaca a solidão e o orgulho presentes na obra de Nietzsche, afirmando que o filósofo viveu em um mundo isolado da humanidade, incendiado pela dor e pelo orgulho. Considera que ele foi plagiado e sua obra grilada através de uma exegese superficial, longe de ser o culpado pelos desmandos nazistas, nem pelo racismo, visto que reconhecia a contribuição dos judeus para os valores da civilização europeia.

Alinhado com os modernistas do projeto renovador, Sérgio Milliet faz uma leitura da obra de Nietzsche com vistas a recuperá-la das apropriações da extrema direita. Já no final da segunda fase do Modernismo, adverte os incautos sobre os perigos dos *slogans* totalitários. De tal modo, Milliet insurge-se contra a ordem conservadora, contra “a conveniência de odiar a democratização de nossa terra”, contra os “homens incapazes daquilo que Nietzsche chama “deslocar a perspectiva””, pois “temem acima de tudo a quebra do padrão aceito dentro do qual galgaram posições e rendas”¹⁰. Dessa forma, isto é, para reabilitar Nietzsche, Milliet esvazia o pensamento de Nietzsche, concedendo-lhe somente o estatuto de poeta: mais um artista do verbo do que um pensador sistemático.

Esta atuação prova que Sérgio Milliet era um estudioso atento da recepção da filosofia de Nietzsche no Brasil; possuía familiaridade com o assunto e acompanhou de perto as discussões em torno do pensamento do filósofo. Sua experiência e conhecimento tornam plausível que ele tenha realizado a tradução dos textos da coletânea *O pensamento vivo de Nietzsche*. Afinal, Sérgio Milliet não era apenas um revisor, como evidenciam as notas da

9 MILLIET, Sérgio. “Frederico Nietzsche”, *O Estado de S. Paulo*, ano 70, n. 23.030, 14/10/1944, p. 04.

10 MILLIET, Sérgio. “Um slogan encanecido”, *O Jornal*, ano 27, n. 7698, 3/6/1945, p. 25.

coletânea, mas também um tradutor competente. Tanto é assim que seguirá traduzindo outros filósofos, como Michel de Montaigne. Sua capacidade de tradução não deve ser subestimada, nem a responsabilidade pela tradução dos textos da coletânea *O pensamento vivo de Nietzsche*, mesmo que tenha envolvido uma revisão.

Publicada em 1940 pela Livraria Martins Editora, de São Paulo, em ordem cronológica *O pensamento vivo de Nietzsche* foi a primeira coletânea a ser lançada no Brasil, precedendo em quase uma década a *Nietzschiana*, de Alberto Ramos, publicada em 1949. Falecido em 1941, Alberto Ramos não chegou a publicá-la, ainda que precipitadamente tenha sido anunciada em 1940, com o nome de “Antologia Nietzschiana”¹¹. O que Alberto Ramos deixou foram papéis acumulados em sua mesa de trabalho, separados “cuidadosamente em pastas”. Se, quase 10 anos após seu falecimento, veio à luz a *Nietzschiana*, foi graças a sua viúva que recolheu os papéis, “passou-os a Gastão Cruls, que os reviu na companhia de Agrippino Grieco, formando-se deste modo um volume”¹², que a editora José Olímpio lançou em 1949.

Já a coletânea traduzida por Sérgio Milliet, ao ser publicada em 1940, durante um período em que o Brasil estava sob intervenção da Ditadura Vargas e buscava retomar o projeto renovador modernista do início dos anos 20, destaca-se como um marco significativo na recepção do pensamento de Nietzsche no país. Sua publicação em um momento histórico relevante reforça a importância e o pioneirismo da coletânea *O pensamento vivo de Nietzsche*.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. “A Propósito do “Amor Imortal. Carta Aberta a José Antonio Nogueira”, *O Pirralho*, n. 191, 1915. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 09 de setembro de 2023.

CANDIDO, Antonio. *Depoimento*. In: NEME, Mario (org.). *Plataforma de uma geração*. Porto Alegre: Ed. Do Globo, 1945.

MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico*. Vol. I. São Paulo. Martins/Edusp, 1981.

_____. “Frederico Nietzsche”. *O Estado de S. Paulo*, ano 70, n. 23.030, 14/10/1944.

_____. *Terminus sêco e outros cocktails*. São Paulo. Edição Irmãos Ferraz, 1932.

_____. *Pintura quase sempre*. Rio de Janeiro (?). Livraria do globo, 1944.

_____. *De ontem, de hoje, de sempre*. Vol. 1. São Paulo. Editora Martins, 1960.

_____. “Um slogan encanecido”. *O Jornal*, ano 27, n. 7698, 3/6/1945. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 09 de setembro de 2023

NIEZTSCHÉ, Friedrich. *Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1999.

11 “Uma antologia nietzschiana”, *Vamos Ler!*, RJ, 8/8/1940, p. 16. (No livro *Estrela da manhã*, de 1936, Manuel Bandeira compôs e publicou um breve poema com o título “Nietzschiana”, o que pode ter inspirado o título da coletânea; ainda era comum o uso do adjetivo nietzscheana/o, com “e”).

12 REGO, Costa. “Nietzsche não confirmou Nietzsche”, *Diário de Pernambuco*, PE, 4/1/1950, p. 4.

____. *Obras incompletas*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filhos. 1. ed. São Paulo. Abril Cultural, 1974 (Col. Os Pensadores).

____. *Como Falava Zaratustra*. (livro para toda a gente e para ninguém). Trad. de Araújo Pereira. Lisboa. Guimarães & C.^a, 1913.

____. *Assim falava Zaratustra* [livro para toda a gente e para ninguém]. Trad. de Araújo Pereira. São Paulo. Editorial Moderna Paulistana, 1932.

____. *Assim falava Zaratustra* (livro para toda a gente e para ninguém). Trad. rev. e atualizada por Jose Mendes de Souza. São Paulo. Edições e publicações Brasil, 1942.

____. *O pensamento vivo de Nietzsche*. Apresentação de Heinrich Mann. Trad. de Sérgio Milliet. São Paulo. Livrara Martins, 1ª edição, 1940; 2ª edição, 1944; 3ª edição, 1951; 4ª edição, 1961; 5ª edição pela Editora Martins/USP, 1975.

____. *O crepúsculo dos ídolos*. Trad. de Persiano da Fonseca. Rio de Janeiro, Editora Vecchi, 1943.

____. *O viandante e sua sombra*. Trad. de Heraldo Barbuy. São Paulo. Edições e Publicações Brasil Editora S. A. 1ª edição 1939; 2ª edição de 1944; uso a edição da Tecnoprint, de 1967.

____. *Nietzschiiana: textos escolhidos na obra do autor de Zaratustra*. Trad. de Alberto Ramos. Prefácio de Agripino Grieco. Rio de Janeiro. José Olympio, 1949.

____. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. Trad. Lourival de Queiroz Henkel. Prefácio de Affonso Bertagnoli. São Paulo. Editora e Publicações Brasil, 1ª edição 1944; 4ª edição pela Edições e publicações Brasil Editora S. A., São Paulo, 1959.

____. *Vontade de potência*. Trad., prefácio e notas de Mário Ferreira dos Santos. Porto Alegre. Editora Globo, 1ª edição 1945; 2ª edição pela editora Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 2017.

____. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad. de Mário Ferreira dos Santos. São Paulo. Logos, 1ª edição 1954; 3ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2014.

PINHEIRO, Cesar Valter. "A estreia literária de Sérgio Milliet: Par le sentier". Remate de Males, Campinas-SP, v.38, n.2, pp. 990-1017, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8651936>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

REGO, Costa. "Nietzsche não confirmou Nietzsche", *Diário de Pernambuco*, PE, 4/1/1950. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 09 de setembro de 2023.